CARDOSO, A. (2024). ***Tourism in the "Vale dos Solares" – Houses, Stories ans Tales.*** The Overarching Issues of the European Area- How to efficiently combine sustainability, resilience and territorial management?, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. pp. 155-179
DOI : https://doi.org/10.21747/978-989-9193-48-2/coma11

TOURISM IN THE "VALE DOS SOLARES" – HOUSES, STORIES AND TALES

TURISMO NO "VALE DOS SOLARES" – CASAS, HISTÓRIAS E ESTÓRIAS

António Barros CARDOSO
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, CITCEM
APHVIN – Associação Portuguesa de História da Vinha e do Vinho.
abarroscardoso@sapo.pt

Abstract

Viana do Castelo has been a commercial and financial center since the late Middle Ages. It was linked to the entire Lima Valley, where the municipalities of Ponte de Lima, Ponte da Barca and Arcos de Valdevez began to gain importance. The wealth generated by this link and the city at the mouth of the Lima with the world are testament to an aristocracy that left its mark on its noble homes, which today serve a tourist agro-industry that deserves the attention of nationals and foreigners, and which forms the basis for routes of undeniable beauty. This article deals with these tangible and intangible heritages. The methodology followed was based on a careful selection of cultural assets that today represent the reality that we portray here. It was based on the selective choice of historic houses classified as heritage of municipal or national interest and which are included in the respective inventory of the General Office of Cultural Heritage.

Keywords: Tourism, noble houses, Lima Valey.

Resumo

Viana do Castelo tomou feição de praça comercial e financeira desde finais da Idade Média. Articulou-se com todo o Vale do Lima, onde os concelhos de Ponte de Lima, Ponte da Barca e Arcos de Valdevez foram assumindo expressão. Das riquezas geradas por essa articulação e da urbe da foz do Lima com o mundo, ficaram testemunhos de uma aristocracia que deixou nas suas casas nobres marcas que hoje servem uma agroindústria turística que merece atenção de nacionais e estrangeiros e que dá base a roteiros de inegável beleza. É desses patrimónios materiais e imateriais que versa este artigo. A metodologia seguida ancorou numa criteriosa seleção de bens culturais que hoje representam a realidade que aqui retratamos. Fundou-se na opção seletiva por casas históricas classificadas como património de interesse concelhio, ou nacional e que constam do respetivo inventário da Direção Geral do Património Cultural.

Palavras-chave: Turismo, casas nobres, Vale do Lima.

1 – Introdução

Compreender o Vale do Lima, implica uma viagem no tempo. Com efeito, o núcleo mais antigo da cidade de Viana do Castelo começa num velho Castro, hoje designado por *Cidade Velha.* Lugar povoado e transformado em "*civita*", pela presença romana no território, o sítio haveria de tomar o nome de Monte de Santa Luzia, graças à dimensão civilizacional cristã.

Nesses tempos longínquos, o olhar dos seus habitantes dividiu-se entre a contemplação do estuário do rio Lima, que aqui se encontra com o oceano Atlântico, enquanto o rio Lima fundamentava dinâmicas de complementaridade entre o mar e a terra. Neste contexto, os

DOI : https://doi.org/10.21747/978-989-9193-48-2/coma11

mercados da Vila de Viana começavam a ser inundados pelos frutos de uma economia agrária variada, potenciada pelas margens planas e férteis do rio, enquanto a Vila se abria ao mundo em função das trocas de mercadorias que recebia do exterior com as produções locais obtidas nas Vilas do Vale Limiano e respetivas áreas de influência. Assim, ainda em tempos medievais, tomaram igualmente forma Ponte de Lima, Ponte da Barca e Arcos de Valdevez, servidas por cais ribeirinhos simples de estacaria em madeira[21].

Nos alvores do século XVI começou a nascer o porto da Vila de Viana agora com cais de acostagem em pedra, replicados nas demais Vilas do Vale do Lima. Tal refletia a solidez dos negócios que se faziam nas margens do rio, o que favoreceu que muitos afluíssem à Feira de Ponte de Lima. Viana ia assim tomando feição de praça comercial e financeira, com a respetiva alfândega[22]

Os estrangeiros intensificaram aí a sua presença, mas também o fizeram ao longo de todo o Vale. Malgrado as ameaças da pirataria e dos corsários, Viana respondia como podia, com a construção de estruturas defensivas que atingiram expressão de significado no forte de Santiago da Barra. Entretanto, todo o vale beneficiava do comércio dos açúcares da Madeira e do Brasil, dos vinhos de toda a Ribeira Lima, bem como dos de Monção e Melgaço que também se serviram do Lima como via de escoamento. Neste artigo escolhemos alguns exemplares, os mais icónicos, que o tempo deixou no Vale do Lima que ilustram o que acabamos de referir. Para tal, em termos metodológicos, ancoramos a nossas pesquisas numa criteriosa seleção de casas históricas classificadas como património de interesse concelhio ou nacional, dado o seu valor histórico e arquitetónico, inscritas no respetivo inventário da Direção Geral do Património Cultural integradas no Vale do Lima.

2 - Viana do Castelo e o seu concelho

Este concelho da foz do Lima começou a tomar forma entre 2000 aC até 1500 dC, a partir do povoado castrejo do Monte de Santa Luzia. Os romanos ocuparam o lugar e fomentaram o povoamento de todo o Vale, junto às margens do rio Lima. Mais tarde, foi a vez dos povos bárbaros (séc. IV) se fixarem no mesmo território que viria a ser igualmente marcado pela presença muçulmana (séc. VIII). A Reconquista Cristã, por seu lado, originou em Viana um primeiro núcleo populacional corporizado na atual freguesia de Santa Maria Maior.

Nas proximidades da Vila, passava a via medieval de peregrinação a Santiago de Compostela, que muito contribuiu para o seu desenvolvimento. Dado o seu relevo, D. Afonso III, em 1258, concedeu o primeiro foral à Vila de Viana e, a partir de 1374, Viana e a sua área de influência (Concelho), ganharam importância crescente, sobretudo durante o período dos Descobrimentos e da Expansão marítima de Portugal. Por isso, em 1512, o rei D. Manuel

[21] CARDOSO, A., (2016). *Viana do Lima – Porta para o Mundo*. Viana do Castelo, Centro de Mar, Câmara Municipal de Viana do Castelo, p. 5.
[22] Idem, Ibidem, p.7.

concedeu foral novo a Viana, que, em 1563, foi considerada pelo rei D. Sebastião, como Vila notável, em nobreza e rendimento

Em meados do século XIX, a Vila recebeu o nome de Viana do Castelo, na mesma altura em que a rainha D. Maria lhe atribuiu o estatuto de cidade.

Perante o breve enquadramento geográfico, cultural e histórico apresentado, multiplicaram-se os solares e outros edifícios icónicos, como verificaremos. Dada a sua amplitude, abordaremos apenas os mais notáveis implantados em Viana do Castelo (concelho).

2.1 - O Paço de Anha

Comecemos este trajeto pelo Paço de Anha (Figura 1), situado na margem esquerda do Rio Lima, na freguesia de Vila Nova de Anha. Para além do edifício senhorial, deparamos com a quinta que o rodeia (cerca de 50 hectares) sendo constituída por extensos vinhedos, por um jardim francês e por uma mata de grandes dimensões[23].

Parte integrante das "Terras do Neiva", as mesmas pertenciam ao rei D. João I que, em 1401, as doou ao seu filho D. Afonso, pelo casamento com a filha do Condestável, D. Nuno Álvares Pereira, passando assim a ser propriedade do 1º Duque de Bragança. Por isso, as suas armas encontram-se em três marcos colocados no interior da quinta. Em 1503, D. Jaime, 4º Duque de Bragança, casado com D. Leonor de Mendonça doa a quinta, como prenda de casamento, a Vicente Ferreira que, sendo do serviço da Casa do Duque de Bragança, casou com uma aia da Duquesa[24].



Figura 1 – Paço de Anha. (Fonte: foto do autor)

[23] CARDOSO, A., CARVALHO, T. (2007). A arte de bem receber – Solares de Portugal: Lisboa: Edições INAPA, p. 149.
[24] CARDOSO, A., TRILHO, S., PEREIRA, A. (2023). *Viajar e Sonhar Através do Vale do Lima*, Viana do Castelo: ADRIL, Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Lima, p. 17-19.

A fachada atual do Paço de Anha é tipicamente seiscentista. Em 1625, João d'Agorreta mandou construir a capela de invocação de Santo António. Um dos descendentes desta família, o Eng.º António Júlio Pereira Eça de Agorreta d'Alpuim, sendo por formação académica agrónomo e dando seguimento à histórica importância económica dos vinhos limianos, apostou na viticultura, iniciando a plantação de vinhas novas em sistemas de armação modernos, usando castas brancas da região: Loureiro, Trajadura, Pedernã e Azal.

Atrás do Solar, encontram-se os jardins de onde se avista o Atlântico. A frescura verdejante do lugar é sustentada pela brisa marítima e pela fonte de espaldar, decorada com uma imagem de Santo António. É imprescindível provar os seus Vinhos Verdes e pernoitar num dos vários anexos agrícolas, hoje adaptados para turismo.[25]



Figura 2 - Jardim do Paço d'Anha (Fonte: foto do autor)

2.2 - O Paço de Lanheses

Situado na margem direita do rio Lima, bordeja a estrada que liga Viana do Castelo a Ponte de Lima. Insere-se numa quinta designada por "Quinta do Paço dos Almadas", já que, desde o início do século XIX, pertence aos representantes dos Condes de Almada. Construído no século XVI, foi totalmente remodelado no século XVIII (Figura 3).

Os seus proprietários, descendem diretamente de João Martins Ricalde, fidalgo basco do séc. XVI e de sua mulher, D.ª Ana da Rocha, da Casa dos Rochas de Meixedo, comendatários do Mosteiro de S. Salvador da Torre e senhores do antigo Couto de Lanheses. Em 1818, D.ª Maria Francisca de Abreu Pereira Cirne Peixoto, Senhora do Paço de Lanheses, casou com o Conde de Almada e Abranches, unindo-se, desta forma, o senhorio de Lanheses com as comendas de Vila

[25] Idem, Ibidem, p. 17-19.

Franca (Viana do Castelo), integradas no concelho de Viana do Castelo, mas também das comendas de Ferreira (Zêzere), Pombalinho (Soure) e dos Lagares d´El-Rei (Lisboa)[26].



Figura 3 - Paço de Lanheses (Foto do autor)



Figura 4 - Doutor José Riccalde Pereira de Castro. (Foto do autor)

Uma figura desta família a realçar no período setecentista foi José Riccalde Pereira de Castro (1715-...) – (Figura 4). Moço Fidalgo e Freire da Ordem de São Bento de Avis, foi nomeado, em 1748, deputado do Tribunal da Inquisição e passou a integrar o Conselho Geral do Santo Ofício e o Conselho Régio, acumulando com as funções de Comissário-Geral da Junta da Bula de

[26] Idem, p. 21-24.

Cruzada. Foi também Desembargador do Paço e Chanceler-mor do reino, entre outros cargos de relevo.

Há, porém, que referir ainda que o Marquês de Pombal indigitou-o para membro da *Junta de Providência Literária*, (1770), organismo encarregue da reforma universitária levada a cabo após a expulsão dos jesuítas de Portugal. Por isso, foi chamado a Integrar o "Conselho Pombalino".

Apesar de colaboracionista com Pombal, logrou escapar às perseguições no final do reinado de D. José I, para além de se engrandecer durante o consolado do Conde de Oeiras, por ter sido o autor das alegações em defesa da aclamação de D. Maria I. Recordemos que, pela primeira vez, uma mulher tomava as rédeas do poder político no Reino de Portugal. Este jurista impediu assim Pombal de seguir a *ordem sálica*, que obrigava a que só podia reinar um herdeiro varão (masculino). Por isso, foi da sua autoria o extenso discurso na cerimónia pública do "Levantamento ao Trono" da Rainha, no dia 13 de Maio de 1777[27]

Conta-se que, um certo dia, entrou pelo quarto da Senhora Condessa de Almada uma das criadas da sua confiança. Os tempos eram conturbados por causa da Guerra Civil (1832-1834). Aflita pelo semblante da criada, a Condessa perguntou-lhe o que se passava. A resposta foi surpreendente! O famoso salteador "Zé do Telhado" estava à porta da casa.

Amedrontada, a Condessa foi ao seu encontro e o assaltante explicou então o motivo da visita. Tinha conhecimento de que ela possuía um maravilhoso diadema e vinha pedir-lho emprestado para o casamento da sua filha. A Condessa entrou e foi buscar a joia, julgando que iria perdê-la para sempre, todavia, alguns dias mais tarde, o "Zé do Telhado" regressou pedindo desculpas pelo atraso na devolução da joia. Tal deveu-se à substituição de um brilhante em falta, que mandou encastrar no lugar do primeiro, a expensas suas[28].

Hoje, quem se deslocar ao Paço de Lanheses pode visitar uma parte da quinta onde se cultivam plantas aromáticas, sem recurso a aditivos químicos, e compreender a originalidade de cada cultura. De notar que estas são usadas na confeção de alimentos e na preparação de compotas e outras iguarias que podem ser degustadas pelo visitante. Visitáveis são também os vinhedos da quinta que ainda hoje impressionam pela sua extensão. As uvas aí vinificadas produzem vinhos semelhantes aos do Reno, pelo que um dos mais antigos rótulos que vestiram as garrafas de vinho deste Paço, ostentam a expressão "Tipo Rheno".

2.3 - A Quinta da Boa Viagem

Outro património a destacar corresponde à Quinta da Boa Viagem. Primeiramente designada por Quinta de Santa Maria da Vinha, pertencia a um mercador enobrecido que residiu em Viana da Foz do Lima, no último quartel do século XVI. À semelhança de muitas casas nobres rurais, o solar integra elementos de diversas épocas construtivas, destacando-se nele a torre do núcleo tardo-medieval, complementado pelo corpo erguido na segunda metade do século XVIII, graças aos

[27] Idem, p. 22.
[28] Idem.

rendimentos que a família Villas Boas obteve no Brasil. Na fachada foi colocada a pedra de armas da família com a data de 1550[29]. No interior da capela encontra-se um retábulo de talha dourada com a imagem da padroeira, Nossa Senhora da Boa Viagem, invocação de origem portuguesa com raiz nos Descobrimentos.

Figura a destacar é D. Fernando Leite Lobo, Morgado da Boa Viagem, ao aplicar na quinta a fortuna acumulada no Brasil. Ornamentou-a criando magníficos jardins barrocos com fontes, tanques, escadarias e terraços, para além do novo corpo do Solar. O conjunto possui ao centro uma escadaria, com esculturas representando personagens mitológicas, e dois "cães-de-Fô", de inspiração chinesa, muito em voga na época. Ao cimo das escadas foi colocada a Fonte da Preguiça, formada por uma escultura feminina deitada (Figura 5).



Figura 5 - Fonte da Preguiça - Quinta da Boa Viagem. (Fonte: Foto do autor)

A montante da Fonte da Preguiça, encontra-se um jardim de camélias com um cruzeiro, onde se cruzam duas linhas de água subterrâneas. Este monumento cristianiza um provável antigo lugar sagrado pagão, associado ao Castro de Monte Cresto[30]

O local ocupado pela Quinta e Capela da Boa Viagem, é bem visível pelos pescadores e marinheiro, pelo que se narra que todas as embarcações que passavam defronte da Quinta e da sua capela, saudavam Nossa Senhora da Boa Viagem, pedindo-lhe proteção ou agradecendo as expedições marítimas anteriores.

Em 1916, a Quinta da Boa Viagem foi adquirida pelo Engenheiro João Teixeira de Queiroz e Vasconcelos, que nela mandou fazer diversas obras que muito alteraram a sua estrutura, culminando na década do século XX com a adaptação da casa a turismo de habitação.

[29] Idem.
[30] CARDOSO, A., TRILHO, S., PEREIRA, A. (2023). *Viajar e Sonhar Através do Vale do Lima*, Viana do Castelo: ADRIL, Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Lima, p. 37-38.

3 - A Vila de Ponte de Lima e o seu concelho

Muitos outros patrimónios poderiam ser referenciados no concelho de Viana do Castelo, mas avancemos para Leste, visitando o concelho de Ponte de Lima, da maior importância.

No porto fluvial que serve a Vila, forjaram-se desde tempos imemoriais, dinâmicas de assentamento de gentes ancoradas na troca de mercadorias que aqui chegavam através da Barra de Viana, ou das vias terrestres provenientes dos concelhos de Ponte da Barca e de Arcos de Valdevez.

Lugar antigo, com origens pré-históricas, a presença dos romanos convidou, definitivamente, as gentes dos povoados castrejos a descerem para o Vale, quer pela introdução de novas culturas, quer pela adoção de novos métodos de produção agrária. Por seu turno, o traçado viário romano no concelho de Ponte de Lima começa a mostrar a Vila como ponto nevrálgico das comunicações na região do Entre Douro e Minho, o que conduziu à decisão de aqui se construir a Ponte que deu nome à Vila[31].

Não admira que no Concelho se encontrem quintas e patrimónios que alimentam o turismo, sobretudo nas margens do Lima. Visitemos alguns exemplares.

3.1 - A Casa da Lage



Figura 6 - Casa da Lage – Os jardins parecem prolongar-se nos vinhedos onde pontuam as castas Loureiro e Azal. (Fonte: Foto do autor)

[31] ALMEIDA, C. (2007). Ponte de Lima – uma vila histórica do Minho, Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima, p. 59.

A Casa da Lage (Figura 6) situa-se na freguesia de São Pedro de Arcos[32], e está integrada numa fértil propriedade agrícola, na qual se produz Vinho Verde. Enquadra-se no modelo minhoto de casa de fidalguia de finais do século XVII.

Extensa propriedade agrícola com raízes eclesiásticas, uma parte era constituída por bens livres a outra era formada por dois grandes prazos. O primeiro, o "Prazo Velho da Lage", ou "Prazo de S. João D'Arga", pois era primitivamente foreira a este mosteiro, e o segundo, o "Prazo da Igreja" cujo foro era pago à igreja de São Pedro de Arcos.[33]

A Casa, com a configuração atual, é fruto de sucessivas construções executadas a partir de um núcleo primitivo erigido na parte "dízima a Deus" e que, segundo a tradição familiar, remonta ao reinado de D. Sancho I (1223-1248). A parte da casa arquitetonicamente mais rica é datada de finais do século XVII e é o fruto do esforço de três gerações, num espaço temporal que medeia entre 1650 e 1750.[34]

A ampliação do primeiro núcleo da casa ficou a dever-se a Jerónimo de Sousa Machado, 1º administrador do vínculo da Casa da Lage e Padroeiro da Igreja Paroquial de S. Pedro D'Arcos, onde ficou sepultado. Acrescentou-lhe uma torre conhecida ainda hoje por "torre velha" e mandou edificar igualmente a capela da casa, da invocação de N.ª Sr.ª da Apresentação (1674).

Manuel de Sousa Machado (1671-1728), foi o 2º Administrador do Vínculo e igualmente padroeiro da Igreja Paroquial de São Pedro de Arcos. Foi ele o grande impulsionador das obras iniciadas por seu pai, nomeadamente a construção da chamada "torre nova", bem como a quase totalidade do edifício que liga as duas torres. A ele se devem também os bonitos tetos que decoram os salões da Casa.

Foi 3º Administrador da Casa, Fidalgo da Casa Real, que ampliou a capela construída pelo seu avô e alterou a invocação para N. ª Sr.ª da Conceição. Com ele, a Casa da Lage tomou a configuração que se lhe conheceu até 1950. Hoje, é propriedade dos herdeiros de seu neto, o Eng.º Técnico Agrícola, José Adolfo da Costa Azevedo, falecido em 1984, a quem se deve muito trabalho de restauro e obras de beneficiação.

Um dos membros da Família, tio-avô do atual proprietário da Casa da Lage, António Mimoso, mantinha sadia rivalidade com o Conde d' Aurora, sendo mesmo a inspiração de "O Pinto" - *Infância, paixões e morte de um cacique eleitoral*".

A avó do atual proprietário gozava da fama de excelente doceira. Essa qualidade resultou da convivência que manteve com o Abade de Priscos, reputado gastrónomo português que preparou grandes repastos para a família real, ministro, bispos e aristocratas.

[32] CARDOSO, A., CARVALHO, T. (2007). A arte de bem receber – Solares de Portugal: Lisboa: Edições INAPA, p. 57.
[33] CARDOSO, António Barros, TRILHO, Sílvia, PEREIRA, Andreia – *Viajar e Sonhar Através do Vale do Lima*, Viana do Castelo: ADRIL, Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Lima, 2023, p. 51-52.
[34] Idem, ibidem.

3.2 - Paço de Vitorino

A freguesia de Vitorino das Donas, teve origem no mosteiro medieval do mesmo nome. D. Afonso Henriques fez couto das terras situadas à volta da ermida de Nossa Senhora do Azevedo, ou seja, da Cabração, ao mosteiro de Vitorino. Entre os muitos casais que constituíram a riqueza fundiária do cenóbio, encontrava-se já uma propriedade, sem qualquer vínculo senhorial, o "Casal do Barco". O capitão de Infantaria António Ramos, comprou este casal que juntou à "Quintã do Paço" (propriedade da sua primeira mulher, Dona Ana de Lima). Integrado na expedição do castelhano Francisco Pizarro (América do Sul), chegou a governador de Cusco, no Perú. Enviuvou e regressou a Portugal já casado com D. Catarina Capa Youpange, uma princesa Inca. Deste seu segundo matrimónio, o capitão António Ramos não teve descendência, restando-lhe a filha do seu primeiro enlace, D.ª Francisca de Lima, que casou com Álvaro de Abreu Soares, sargento-mor de Viana que, em 1596, acabou herdeiro da Quinta do Paço (Figura 7).



Figura 7 - Paço de Vitorino. (Fonte:Foto do autor)

O capitão António Ramos passou a utilizar o Paço como sua residência, pelo que realizou melhorias nas suas propriedades e instituiu o morgadio do Paço de Vitorino. Essa fase seiscentista do Paço haveria de granjear alianças matrimoniais com algumas famílias estrangeiras, como os Logier, de origem belga, pelo casamento do cavaleiro flamengo Guilherme de Campanaer Logier, natural de Anvers, com D. Francisca de Lima e Abreu, nesse tempo senhora do Paço. O casal repartia a sua vida entre Vitorino das Donas e Viana, onde Logier tinha a sua casa comercial.[35]

O Paço foi reedificado em 2016 sob a orientação dos arquitetos Paulo e Susana Lago de Carvalho e hoje é unidade hoteleira de referência (Figura 8). O solar ficou popularmente conhecido por "Casas Queimadas" porque fruto da sua militância absolutista, a família granjeou opositores e

[35] CARDOSO, A., TRILHO, S., PEREIRA, A. (2023). *Viajar e Sonhar Através do Vale do Lima*, Viana do Castelo: ADRIL, Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Lima, p. 59-61.

inimigos políticos da ala liberal. Por isso, o Paço foi saqueado e incendiado a 3 de julho de 1836, daí a sua posterior reconstrução.

O jardim barroco da Casa, renovado segundo um conceito contemporâneo, faz apelo direto ao onírico, quando nele se observam ainda as estátuas que retratam os quatro continentes – África, América, Ásia e Europa. De fora ficou a Oceânia, porque na época da construção do jardim não era ainda conhecida enquanto continente.[36]



Figura 8 - Aspeto interior da atual unidade hoteleira Paço de Vitorino. (Foto do autor)

3.3 - A Casa D'Aurora

Situada no centro da Vila de Ponte de Lima, esta Casa resistiu a revoluções, ao fim dos Morgadios (1863) e, depois, à nova legislação associada às heranças familiares, que fizeram desmoronar tantos patrimónios de norte a sul de Portugal. A Casa D'Aurora permanece há séculos na mão da mesma Família.

O seu edificado resultou da reconstrução setecentista de um imóvel que se estima remontar ao século XIV. O atual formato setecentista da fachada ficou a dever-se a João de Sá Coutinho, fidalgo e desembargador do Tribunal da Relação do Porto. A construção é atribuída a Manuel Pinto de Vilalobos, de Viana do Lima, membro da conhecida família de engenheiros-arquitetos que, entre os séculos XVII e XVIII, desenvolveram intensa atividade na zona norte do país. Junto à capela, exibe-se o brasão esquartelado dos Sás, Sottomaior, Rebelos e Abreus. A mesma foi doada pelo desembargador João de Sá Souto Maior ao arcebispo primaz de Braga em 1723. No seu interior, destaca-se o retábulo de talha dourada de estilo nacional, bem como o revestimento em azulejo da mesma época.[37]

[36] Idem, ibidem
[37] Idem, p. 66-70.

João de Sá Sotomaior de Abreu Rebelo e sua mulher D. Maria Joana de Castro Barreto instituíram, no ano de 1741, o vínculo de Nossa Senhora de Aurora. Fidalgo da Casa Real e Lente na Universidade de Coimbra, foi igualmente Desembargador da Relação do Porto.

João Sá Coutinho Costa Sousa Macedo Sotomaior Barreto foi o 1º Visconde e 1º Conde de Aurora, título criado pelo Rei D. Luís em 1887. Da vasta descendência do 3º conde D'Aurora coube ao sétimo filho, e primeiro varão, João de Sá Coutinho, herdar a Casa.

Em 1952, aqui esteve a bailarina inglesa Margot Fonteyn que, nessa altura, se apresentava na cidade do Porto. As danças tradicionais do Minho, despertaram-lhe os sentidos e foi a Ponte de Lima para as observar presencialmente. De regresso a Londres escreveu ao Conde de Aurora: "Dear Conde, não lhe posso descrever quanto gostei da tarde passada em sua casa e como me sinto orgulhosa de ter participado no Vira...".

A Casa apresenta a curiosidade de ter um quarto onde ninguém dorme. Razão? Está equipado com uma cama *Namban* datada da primeira metade do século XVII e classificada como Tesouro *Nacional*. Esta peça, como a maioria dos exemplares de arte oriental que ornam a Casa, foi trazida para Ponte de Lima, em meados do século XIX, pelo filho do 1º Conde D'Aurora que foi juiz da Relação em Goa.



Figura 9 - Casa d'Aurora. (Foto do autor)

De entre as personalidades desta Casa destaca-se José António Francisco Xavier de Sá Pereira Coutinho, 3º Conde d' Aurora, etnógrafo e escritor, que se encontra representado em estátua no largo de São João. Embora formado em Direito, facilmente trocava a beca pela máquina fotográfica e, através da sua lente, conseguiu fixar em imagens a vida quotidiana do Lima e das suas gentes. A feira, as festas regionais, o trabalho na lavoura, o labor no trato do linho e as casas que fotografou, levaram-no a perceber que a sua herança ia muito para além da propriedade

fundiária e da sua Casa. Da sua ágil pena, através de "Esparsos, Raros e Inéditos do Conde d'Aurora" surge um contributo sem par para a História da Vila e do Vale do Lima.[38]

Já no interior dos muros desta Casa (Figura 9), o jardim evoca a importância da natureza no período barroco[39], disponibilizando várias fontes, nomeadamente a que possui a imagem de Nossa Senhora D'Aurora, pensadas para a fruição de quem os habitava. Interessante desafio será descobrir as diversas espécies de plantas no jardim redesenhado em 1875[40].

3.4 - A Casa do Outeiro

Fronteira à Vila de Ponte de Lima, é uma das mais nobres casas solarengas de todo o vale e situa-se já na Freguesia de Santa Marinha de Arcozelo. Na sua origem está o antigo Paço de Aguião, cujas ruínas se encontram próximo do atual Paço. Remonta a 1487 e consta do dote de D. Rodrigo de Melo, filho dos primeiros Viscondes de Vila Nova de Cerveira, para casar a sua filha D.ª Joana de Melo e Lima com João Gomes de Abreu.

A estrutura do primitivo solar quinhentista foi alterada ao longo do século XVII, contemplando a reestruturação e ampliação do espaço, em 1787, por iniciativa do capitão Francisco de Abreu e Lima, A atual capela, da invocação da Nossa Senhora da Conceição, erguida em 1774, não foi completada.

Nas gerações que se seguiram, o vínculo foi constantemente acrescentado e, em meados do século XIX, constituía uma das maiores casas senhoriais do Norte do país, com terras e foros espalhados por todas as províncias até Lisboa. O pai do atual proprietário, o Dr. João de Abreu de Lima e sua mulher D. Maria Ana Rooke Pereira Dias de Magalhães, foram os impulsionadores das atuais obras de restauro, podendo hoje a Casa do Outeiro ser considerada uma das mais bem conservadas da Ribeira Lima.

No século XVI a Casa era constituída por duas propriedades, uma que pertenceu a um ramo dos Macieis, família ilustre com solar em Darque, junto a Viana do Castelo, e outra emprazada aos senhores da Quinta de Silveiro, na Correlhã, freguesia do concelho de Ponte de Lima. Foi o casamento de António Álvares Maciel com D.ª Ana Pinto Correia, em 1634, que uniu definitivamente as duas quintas.

Deste casamento nasceu D.ª Maria Josefa Vieira Pinto Maciel, que foi a 1ª administradora do vínculo instituído por seus pais, por escritura de dote realizada em 11 de março de 1713, para casar com seu parente Gaspar de Abreu de Lima Teles de Menezes, moço fidalgo da Casa Real e senhor do Paço de Penas, em Refoios de Lima.

A junção daquelas propriedades deu origem a um novo vínculo, registado com o nome de "Quinta de Santo António e de Nossa Senhora da Conceição do Paço do Outeiro e Refoios" que atravessou gerações até à atualidade, sem alteração dos seus limites iniciais. Contudo, a casa foi

[38] Idem.
[39] CARDOSO, A., CARVALHO, T. (2007). A arte de bem receber – Solares de Portugal: Lisboa: Edições INAPA, p. 69.
[40] CARDOSO, A., TRILHO, S., PEREIRA, A. (2023). Viajar e Sonhar Através do Vale do Lima, Viana do Castelo: ADRIL, Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Lima, p. 68.

reedificada, numa 1ª fase em 1723, e, posteriormente, em 1787, quando lhe foi acrescentada a varanda principal e o portão nobre, através do qual se acede ao terreiro fronteiro ao Paço.

Em 1809, sendo Senhor desta casa João Gomes de Abreu de Lima de Magalhães Pinto e Cardoso, foi a Casa do Outeiro saqueada pelas tropas do General Soult, que comandou a 2ª Invasão Francesa de Portugal e aí se aquartelaram durante a passagem pelo Lima. Nessa altura, a capela foi incendiada e morto o criado que guardava a casa.

Junto à casa foi edificado o cruzeiro do *Senhor da Fortuna,* cumprimento de uma promessa feita para que fosse favorável à pacificação familiar a sentença proferida sobre um conjunto de pleitos envolvendo vários elementos da família em questões sucessórias.

A propriedade mantém vinhedos, horta e pomar, integra dependências agrícolas, devidamente recuperadas e enquadra-se hoje na rede de Casas de Turismo de Habitação. Nela merece referência a cozinha e o sistema de aproveitamento das águas, conduzidas ao seu interior pelo aqueduto setecentista. A cozinha da casa é dotada de dois fornos que funcionavam simultaneamente, um destinado ao arroz e às carnes e o outro à cozedura do pão, ainda hoje usados com a mesma finalidade[41].



Figura 10 - Biblioteca da Casa do Outeiro. (Foto do autor)

A biblioteca da casa é um espaço acolhedor (Figura 10), recheado de obras cuja consulta permite aos leitores divagarem por vários recantos de Portugal e por outros destinos, sem saírem do lugar.

[41] Idem, Ibidem, p.74-78.

3.5 - O Paço de Calheiros

Também conhecido por Quinta do Pinheiro, situa-se na freguesia de Santa Eufémia de Calheiros, concelho de Ponte de Lima. Tal como muitas outras casas nobres, o Paço de Calheiros iniciou-se com uma torre construída em tempos medievais.

Nos finais do século XVII, a torre original foi mandada demolir pelo Morgado Francisco Jácome Lopes de Calheiros, começando a tomar forma o atual Paço que se desenvolve em ambos os lados da capela dedicada a S. Bento, patrono da família. A sua construção evoluiu depois para as torres laterais, mantendo-se o templo ao centro.

As origens da Casa e da Família entrelaçam-se com a antiga Honra de Calheiros, concedida pelo Rei D. Dinis a Martim Martins Calheiro e confirmada por D. Afonso IV, em 5 de fevereiro de 1336. Nas inquirições de Dom Afonso III, em 1258, já aparece registado o vínculo da família com a terra de Santa Eufémia de Calheiros. Mais tarde, nas inquirições de D. Dinis, de 1288, é mencionado Fernão Fernandes de Calheiros e as mercês que recebeu do rei.[42]



Figura 11 – O Paço de Calheiros (Fonte: Foto do autor)

Já no século XV, D. João I concedeu duas provisões à Casa de Calheiros que se revestiram de grande importância, ambas entregues a Garcia Lopes de Calheiros, o Velho, incluindo nelas o lugar de Ponte de Lima, com todas as rendas e direitos. Esta terra foi parte do domínio de Calheiros até 1515, ano da concessão do foral novo à Terra de São Martinho e de *Burral de Lyma*, em 1 de maio daquele ano, pelo rei D. Manuel I. Nesse documento foram envolvidas quase todas as terras que integram as freguesias do atual concelho de Ponte de Lima.[43]

Mais tarde, em 1566, o rei D. Sebastião, ratificou a demarcação do Domínio de Calheiros, bem como os respetivos direitos a Diogo Lopes de Calheiros. Vinculada em Morgadio, desta Honra

[42] Idem, Ibidem, p. 59-61.
[43] CARDOSO, A. (2022). O Paço de Calheiros e o Vinho do Vale do Lima – Contributos para a sua História, in Ponte de Lima – do passado ao presente rumo ao futuro – Boletim Cultural, n-º 8, setembro de 2022, Município de Ponte de Lima p. 65-83.

faziam parte o Padroado da Igreja de Santa Eufémia de Calheiros e igrejas anexas, bem como os sétimos de Lastral e de Vilar do Monte.

O proprietário desta Casa é, atualmente, Francisco Silva de Calheiros e Menezes que, em conjunto com o seu pai, levou a cabo grandes obras de restauro (Figura 11) no Paço de forma a abrir as suas portas ao turismo de habitação, transformando-o numa casa para o mundo (Figura 12).



Figura 12 - Sala de entrada do Paço de Calheiros (Fonte: Foto do autor)



Figura 13 - As vinhas de Calheiros. (Fonte: Foto do autor)

No Paço de Calheiros vivenciam-se muitas experiências que marcam os sentidos dos visitantes. Depois de uma noite repousante, são geralmente acompanhados à mesa do pequeno-

almoço pelo Conde de Calheiros, saboreando os produtos biológicos da Quinta, desfrutando sempre da propriedade e da soberba paisagem do vale do rio Lima.

Os vinhos de Calheiros têm hoje lugar destacado na Região dos Vinhos Verdes. Produzidos a partir da casta Loureiro (Figura 13), conheceram nos últimos anos um forte impulso no apuro da sua qualidade. Os hóspedes do Paço de Calheiros têm a oportunidade de os degustar à mesa ou deles serem portadores a outras paragens.

4 - Ponte da Barca e o seu concelho

Sobre as casas solarengas e os solares de Ponte de Lima muito mais haveria a dizer. Importa-nos, contudo, seguir para dois concelhos localizados na raia de Espanha: Ponte da Barca e Arcos de Valdevez. O primeiro destes concelhos limianos é território de montanha, recuando as suas origens ao período romano. Existiam, todavia, assentamentos humanos pré-históricos, como a chamada "Pedra dos Namorados", na freguesia da Ermida[44]. No curso da Idade Média, a área que abrange boa parte do território do concelho de Ponte da Barca, tornou-se conhecida por "Terra da Nóbrega", nome que significava local fortificado e que lhe adveio do castro que lhe servia de reduto defensivo, situado na freguesia de Sampriz. Nos séculos XII e XIII, o povoamento estendeu-se até às margens dos rios e é nesses tempos que se funda aquela que é hoje a vila de Ponte da Barca[45]. O espaço concelhio é hoje pontuado por patrimónios de inegável valia, ligados às culturas locais, com destaque para os Espigueiros do Lindoso e várias casas senhoriais como a Casa do Correio-Mor e a Casa da Portela de Sampriz.

4.1 – Casa do Correio-Mor

Comecemos Pela Casa do Correio-Mor. Situada no centro histórico da vila medieval de Ponte da Barca, apresenta um majestoso enquadramento que engloba o vale do Rio Lima e o Parque Nacional da Peneda-Gerês. Também conhecida por "Casa dos Lacerda", é um edifício do século XVII, com capela própria que ostentava a pedra de armas na entrada exterior, mais tarde integrada na Igreja Matriz da Vila[46].

A designação Casa do Correio-Mor (Figura 14) surge nos princípios do século XIX, pois o seu proprietário, António Pereira da Costa Lacerda e Mello, desempenhou aquela função. Já em 1909, nasceu José Pimenta de Castro de Lacerda e Megre, em Coimbra, em 1909, falecendo na Casa Nobre, residência de todos os seus antepassados ilustres desde o séc. XVII. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, exerceu advocacia.

[44] CARDOSO, A. (2022). O Paço de Calheiros e o Vinho do Vale do Lima – Contributos para a sua História, in Ponte de Lima – do passado ao presente rumo ao futuro" – Boletim Cultural, n-º 8, setembro de 2022, Município de Ponte de Lima p. 129.
[45] CARDOSO, A., TRILHO, S., PEREIRA, A. (2023). *Viajar e Sonhar Através do Vale do Lima*, Viana do Castelo: ADRIL, Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Lima, p. 103.
[46] CARDOSO, A., CARVALHO, T. (2007). A arte de bem receber – Solares de Portugal: Lisboa: Edições INAPA, p. 47.



Figura 14 - Casa do Correio-Mor. (Fonte: Foto do autor)

Testemunho da função do proprietário da casa no século XIX – o Correio-Mor – encontra-se nas argolas em ferro forjado cravadas em quase todas as ombreiras das várias portas viradas para o exterior, incluindo no pátio da entrada. Outra prova da funcionalidade da Casa encontra-se no desgaste das lajes da entrada provocado pelas diligências que ali entravam e permaneciam, com o correio a distribuir nesta região. Existe hoje exposto, no vão da escada principal da Casa, um cofre-forte que se destinou a arrecadar dinheiros e valores. Designado por "Burra", em tempos pretéritos era guardado no sótão da casa.



Figura 15 - Cozinha da Casa do Correio-Mor. (Fonte: Foto do autor)

Durante as obras de recuperação que incluíram a cozinha (Figura 15), a remoção do estuque pôs a descoberto 16 obras de pedra, hoje recetáculos onde se expõem porcelanas e outros objetos decorativos. Contudo, um desses nichos merece atenção especial pois trata-se

de uma antiga latrina que conserva uma bizarra tampa de madeira. Permanece também o "fosso" que serve de ligação entre as duas partes do solar[47].

4.2 - Casa da Portela de Sampriz

Casa Senhorial de raiz quinhentista, situa-se na encosta do Monte de Santa Rita, entre Ponte da Barca e o Castelo da Nóbrega que, em tempos medievais defendia o atual concelho de Ponte da Barca e o domínio senhorial da Terra da Nóbrega[48].

A Casa da Portela de Sampriz é composta por um conjunto arquitetónico harmonioso, resultado de extensas obras de beneficiação e de ampliação do pátio central e do imponente portão de entrada, realizadas no século XVIII. É dessa época a construção da Capela dedicada a Santo António. Contudo, no piso térreo da casa e em anexos agrícolas, ainda hoje podem ver-se vestígios quinhentistas.

A vocação agrária da propriedade é testemunhada pelos espigueiros e pela eira para se tratar e armazenar o cereal. Mas, a sua antiga matriz agropastoril pode observar-se ainda ao contemplar os campos verdejantes que a circundam, as árvores seculares e os circuitos da correnteza das águas de lima e rega que fizeram a prosperidade agrícola desta propriedade típica do Alto Minho. O vinho, fazia igualmente parte das suas produções, como testemunha o que resta da antiga adega que conserva uma prensa de fuso com prancha de madeira (Figura 16).

A Casa foi o primitivo solar dos Tinocos, oriundos da Ponte do Porto, concelho de Amares, e descendentes de Pedro Fernandes Tinoco, que esteve na Batalha de Cananor, na Índia em 1506. No Foral Novo da Terra da Nóbrega, dado pelo Rei D. Manuel I, em 1513, refere-se que Pedre Annes (Pedro Anes Tinoco), filho de Joham da Portella (João Pires Tinoco), pagava, naquela data, pela Herdade da Portela, em Sampriz, doze alqueires de pão, mantendo-se, de então para cá, sempre na mesma família. Mais tarde Frei Gaspar da Silva e Lima, quinto neto de Pedro Anes Tinoco, instituiu um morgadio na quinta da Portela de Sampriz, no ano de 1729. São atuais proprietários D. Maria Leonor Pereira de Lacerda Tavares Barreto, neta de António Pereira de Vasconcelos Rocha Lacerda e Melo, casada com Alberto Tavares Barreto. Para a adaptarem a Casa de Agroturismo, aqui fizeram profundas obras de restauro e renovação (Figura 17).

[47] CARDOSO, A., TRILHO, S., PEREIRA, A. (2023). *Viajar e Sonhar Através do Vale do Lima*, Viana do Castelo: ADRIL, Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Lima, p. 134-138.
[48] Idem, Ibidem, p. 130-134.



Figura 16 - Adega da Casa da Portela de Sampriz. (Fonte: Foto do autor)



Figura 17 - Sala de jantar da Casa da Portela de Sampriz (Fonte: Foto do autor)

José de Vasconcelos Azevedo Ataíde e Meneses nascido nesta Casa, liberal, nomeado Juiz de Fora da Vila da Moita (1823) e provedor da Comarca de Castelo Branco (1826/1828). Obrigado ao exílio em Inglaterra, por D. Miguel, passou pela Ilha Terceira e integrou o grupo dos "bravos do Mindelo", designação dada aos liberais que desembarcaram na Praia de Pampelido.

Após esta fase belicosa, foi chamado novamente à magistratura para reerguer o Tribunal da Relação do Porto, passando pelo Tribunal de Guerra (1832) como Vogal da Comissão de Julgamentos de Presos Políticos, constituída no mesmo ano.

Com um enquadramento paisagístico inigualável, rodeia-se de serranias e campos de cultivo, um cenário onde a natureza parece intocada. A par, pode experimentar-se a gastronomia local.

DOI : https://doi.org/10.21747/978-989-9193-48-2/coma11

Nesta casa os hóspedes podem dormir no chamado "Quarto da Rainha", cujo mobiliário é oriundo da Casa do Carmo, em Guimarães, principal residência dos Condes de Margaride, família da proprietária da Casa. Aí dormiram as rainhas Dona Maria Pia e Dona Amélia.

5 - Concelho de Arcos de Valdevez

Mas, avancemos para Arcos de Valdevez, onde a relação histórica entre os diferentes níveis de ocupação e a presença do Rio Vez, cujas águas engrossam o caudal do rio Lima, é inquestionável. Estas circunstâncias foram decisivas para que cedo comunidades humanas aqui se fixassem, entre finais do V milénio a.C. e os inícios do IIIº milénio a.C. São assim muitos os monumentos arqueológicos a descobrir no concelho.

A presença romana neste território está igualmente bem documentada na toponímia local e na abundante quantidade de castros que foram romanizados. Já do concelho medievo, ficou o testemunho dos primeiros mosteiros, como o dos Cistercienses de Ermelo e o de Santa Maria de Miranda, este de raiz beneditina. A posição estratégica da chamada "Veiga da Matança" fez até ela convergir Afonso Henriques, que conduziu os seus homens contra um conjunto de cavaleiros leoneses, vencendo-os em torneio (Torneio de Arcos de Valdevez - 1140) afirmando a pretensão do reino de Portugal à independência face a Castela, já desenhada em *Ourique (*1139). Mas Arcos não só evoluiu em termos militares, como no económico, tendo por base os recursos das serranias, mas também a pastorícia ao longo dos séculos X e XI. Caça diversa e abundante e a situação de vila fronteiriça, fizeram que sobre ela cedo recaísse a atenção dos monarcas, pelo que D. Manuel I, em 1515, concedeu-lhe foral.



Figura 18 - Paço da Glória. (Foto do autor)

Exemplar icónico, é o Paço da Glória (Figura 18). Localizado na freguesia de Jolda Madalena, em Arcos de Valdevez, as suas origens remontam ao século XIII, altura em que, por

DOI : https://doi.org/10.21747/978-989-9193-48-2/coma11

ordem régia, a terra foi doada a Martim Fernandes Vilarinho. Nessa altura, construiu-se uma torre, designada por Torre de Novais que ocupava a parte central do atual paço.

O edificado que hoje vemos data do século XVIII e foi mandado construir por Francisco de Araújo e Amorim, casado com Isabel Araújo Pereira de Castro, Senhora de um dos ramos da família dos Pereiras, do Paço de Bertiandos, em Ponte de Lima. Os custos foram suportados pela fortuna granjeada no Brasil. A capela da Casa é dessa altura (1737) e é da invocação de Nossa Senhora da Glória, que deu nome à propriedade.

Em 1909 a venda do Paço foi feita por Francisco Pereira de Castro ao Conde de Santa Eulália, Aleixo de Queirós Sottomaior de Almeida e Vasconcelos (1868-1917).

O Paço da Glória foi então restaurado e recebeu o ar revivalista que hoje ainda possui. Após a morte do Conde de Santa Eulália, a propriedade passou para a posse da sua mulher e filho J. Henry Stetson e vendida em hasta pública, em 1937. O inglês Peter Pitt Millward adquiriu então a propriedade e levou a cabo novas remodelações inspiradas em palácios italianos e no Paço da Palmeira, em Braga. Nessa altura construiu-se a piscina barroca e foi decorado o andar nobre que tomou a forma de galeria com 14 bustos, cópias de esculturas existentes em museus franceses, sobretudo no Louvre. Ali se encontram representados, entre outros, Luís XIV e o Cardeal Richelieu.



Figura 19 - Paço da Glória aspeto interior (Foto do autor)

Em 1978, o palácio transitou para outro britânico, Collin Clark, que incrementou no imóvel o turismo de habitação. Desde 2002 que o Paço da Glória (Figura 19) e a propriedade se encontram na posse da família Illing, sendo utilizado para eventos de âmbito cultural e serviu mesmo de cenário de uma telenovela portuguesa.

Mas recuemos novamente ao início do século XX. O Conde de Santa Eulália era filho secundogénito de Gaspar de Queirós Botelho de Almeida e Vasconcelos, Senhor da Casa da Boavista, em Arcos de Valdevez, Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, onde

nasceu em 18 de julho de 1830 e onde viria a falecer em 13 de fevereiro de 1887. Era neto paterno de Gaspar de Queirós Botelho de Almeida e Vasconcelos, nascido a 9 de abril de 1760 na Casa da Coutada em Arcos de Valdevez. Estudou escultura em Viana do Castelo, fixou-se depois em Paris e mais tarde nos Estados Unidos da América, onde casou em 1908 com Dona Elizabeth Shindler Stetson (Figura 20), viúva do capitalista norte-americano Stetson, dono do império do fabrico dos "Sletson Hats", marca de chapéus que, a partir de Filadélfia, onde eram fabricados, cobriam a cabeça de boa parte dos americanos. Foi Cônsul de Portugal em Chicago e apercebendo-se de que não lhe bastava nesse país ter dinheiro, mas era igualmente importante ser aristocrata, passou a usar o título de Conde de Santa Eulália, conseguido em 1908.



Figura 20 - Elizabeth Shindler Stetson e Conde Santa Eulália.

Nessa altura, comprou em Jolda a "Quinta da Glória" e terrenos e prédios que pertenciam aos Abreus Vasconcelos do Casal de Novaes o Conde de Santa Eulália, depois de curta educação literária, abandonou os estudos para se dedicar à sua vocação para as Belas Artes, abraçando muito em particular a escultura. Viveu em Paris e frequentou a École des Beaux-Arts (1891), expondo em 1892 no Salon, o seu trabalho em gesso "Cabeça de Estudo".

Aquando da demolição do Convento dos Remédios, em Braga, entre outros elementos decorativos, o Conde de Santa Eulália adquiriu duas pedras de armas pertença de arcebispos de Braga, que colocou sobre as entradas do Paço. O Conde de Santa Eulália, pessoa algo excêntrica, serviu de inspiração ao Conde d'Aurora para o seu personagem do livro "D. Aleixo".

Passear pelos exuberantes e imaginativos jardins, inspirados por paisagens inglesas, italianas e japonesas, dormir num dos quartos baroniais da casa…[49]

[49] Idem, ibidem, p. 125-128.

DOI : https://doi.org/10.21747/978-989-9193-48-2/coma11

6 - Conclusão

É hoje possível viajar pela História de Portugal e pelo território do Vale do Lima, olhando o que se conhece da história científica, mas igualmente dando a conhecer os nossos patrimónios através da "Estória", isto é, olhando as lendas e as tradições que envolvem esses mesmos bens patrimoniais cuja natureza é real, mas que marca também o espírito do turista através dos elementos da história imaterial que lhes anda associada. Há que divulgar este património e as suas histórias, preservando e divulgando.

Muitas destas casas, vimo-lo, encerram ainda hoje patrimónios vitivinícolas de referência que se apresentam como cadinhos de experimentação testemunhal de um passado ligado às melhores escolas arquitetónicas. Se não definiram peculiaridade dentro dos estilos que encerram, foram-na ganhando enquanto símbolos de um passado cumulativo onde se lê bem, ainda hoje, a importância económica deste Vale do Lima que, muito antes, mas sobretudo a partir de 1580 (perda da independência face a Espanha) deu guarida a muitas famílias que nesse tempo descentralizaram a Corte Portuguesa. No dizer de Francisco Rodrigues Lobo – *Cortes na Aldeia* – Transformaram-se desde então em guardiões no nobre e velho saber ser português. Por isso, estas Casas, constituem-se como um valor de aproximação ao verdadeiro sentir de outros tempos. A par, são elos de fiel aproximação entre o presente e o passado, por outras palavras, são produtos turísticos que todos devemos ajudar a valorizar, através da sua mais ampla divulgação.

Bibliografia

A Descendência Portuguesa de El-Rei D. João II. Lisboa: Edições Gama. MCMXLV-MCMXLVI. 3 vols.

AFONSO, D., TRAVASSOS, R. (1988). *Livro de Oiro da Nobreza*. Arcos de Valdez: Edição de J.A. Telles da Sylva, Lisboa,

ALMEIDA, C. (1987). Alto Minho, Lisboa: Editorial Presença.

ALMEIDA, C., BARROCA, M. (2002). História da Arte em Portugal - o Gótico. Lisboa: Edições Alfa.

ALPUIM, M. A., VASCONCELOS, M. E. (1983). Casas de Viana Antiga. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.

ANACLETO, R. (1986). A Arquitetura in História da Arte em Portugal, vol. 10, Lisboa

Anuário da Nobreza de Portugal, (1964). Lisboa

AURORA, C. (1959). Roteiro da Ribeira Lima. Porto: Domingos Barreira

AZAMBUJA, S. (1999). A Quinta da Boa Viagem na Rota dos Descobrimentos. Lisboa: Relatório final de licenciatura em Arquitetura Paisagista: Universidade Técnica de Lisboa/Instituto Superior de Agronomia. Lisboa

AZEREDO, F. (1987). Casas Senhoriais Portuguesas, Braga,1978; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Alto Minho*. Lisboa

AZEVEDO, C. (1969). Solares portugueses: introdução ao estudo da Casa Nobre: Lisboa, Livros Horizonte

BARRETO, M. (1921). Um Documento genealógico sobre os Abreus Coutinhos, Porto

BARROS, J. (2020). Geographia d'Entre Douro e Minho e Tras-os-Montes, por João de Barros. Porto: Ed. Câmara Municipal do Porto. Porto.

CALHEIROS, D. (1987). Memorial de Calheiros in "Arquivo de Ponte de Lima", Vol. II: Câmara Municipal de Ponte de Lima.

CAPELA, J. (2005). As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758. Alto-Minho: Memória, História e Património: Braga: Ed. Casa-Museu de Monção, Universidade do Minho.

CARDOSO, A. (2016). Vinhos Verdes – A Região, a História e o Património. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima

CARDOSO, L. (1747). Diccionario geográfico, ou noticia histórica de todas as cidades, villas, lugares e aldeas...dos reynos de Portugal e Algarve, ... Lisboa: Ed.na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, Lisboa.

CASTEL-BRANCO, C. (1985). Jardins com História, INAPA, Lisboa 2002; GOMES, José Cândido, Terras de Valdevez, Arcos

COSTA, P. *(1997).* Subsídios para a História da Terra da Nóbrega e do Concelho de Ponte da Barca. Ponte da Barca, Vol. I

COSTA, P. (1712). Corografia portugueza, e descripçam topográfica do famoso reyno de Portugal *(...),* Lisboa: Na Officina Real Deslandesiana

DIAS, P. (1983). Casas de Viana antiga. Viana do Castelo.

FARIA, A. (1909) – D. António, Prieur de Crato*, XVIIIe roi de Portugal. Extraits, notes et documents*, T. I, Milão

FERNANDES, F. J. C. (1999). Tesouros de Viana, Roteiro Monumental e Artístico*. Viana do Castelo*, Viana do Castelo: Grupo Desp. e Cult. Trabalhadores Estaleiros Navais de Viana do Castelo, E. P.

Figuras Limianas: (2008). Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima.

GAIO, F. (1938-1941). Nobiliário de famílias de Portugal. Braga: Agostinho de Azevedo Meirelles: Domingos de Araújo Affonso, - Vol. 6, Tomo XII, p. 121.

GIL, J. (1992). Os Mais Belos Palácios de Portugal. Lisboa

LEAL, A. (1873). Portugal Antigo e Moderno. Diccionario. Volume Primeiro: Livraria Editora Mattos Moreira e Companhia. Lisboa.

LEMOS, M. (1873). Apontamentos para as memórias das Antiguidades de Ponte de Lima, Arquivo Municipal de Ponte de Lima.

LMEIDA, C. (1987). *Alto Minho*. Lisboa: Presença.

MACHADO, A. (1967). Viana de Outros Tempos e a sua Gente através da Memória de Porto Pedroso. In "Arquivo do Alto Minho, Repositório de Estudos e Documentos Regionais". Volume V. 2.ª série. Viana do Castelo, p. 58-69.

MACHADO, D. (1752). Bibliotheca Lusitana. Historica, Critica e Cronologica ... tomo III: Ed. Na Officina de Ignacio Rodrigues. Lisboa.

STOOP, A. (2000). Palácios e casas senhoriais do Minho: Civilização, Porto.

TRILHO, S. (2016). Mercadores e negócios em Viana do Lima, in "Vina do Lima Porta para o Mundo". Câmara Municipal de Viana do Castelo. Viana do Castelo.

VIANA DO CASTELO. Câmara Municipal (1993). Fundação de Viana, 1258: foral de D. Afonso III. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, Centro de Estudos Regionais, Viana do Castelo.